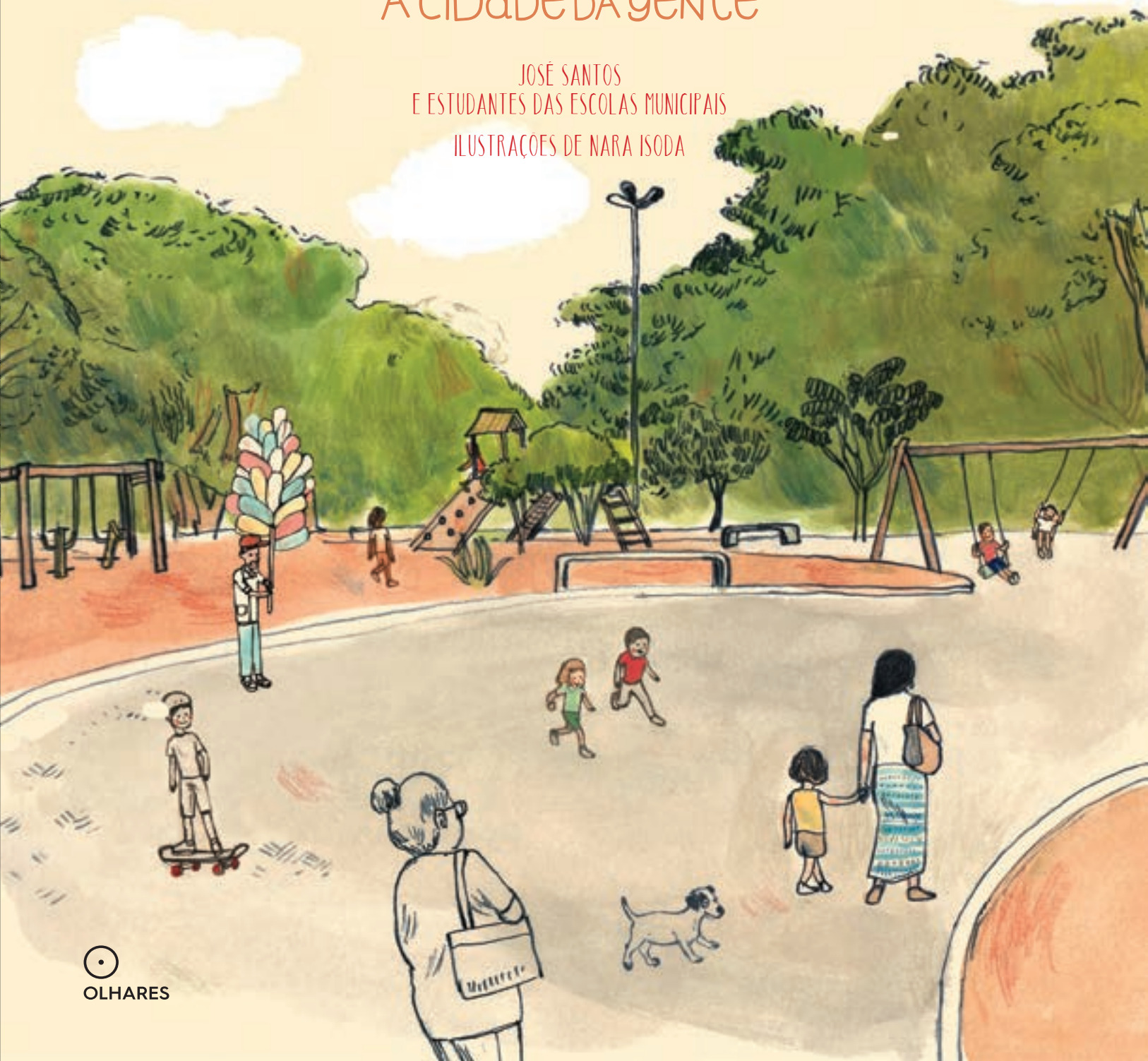


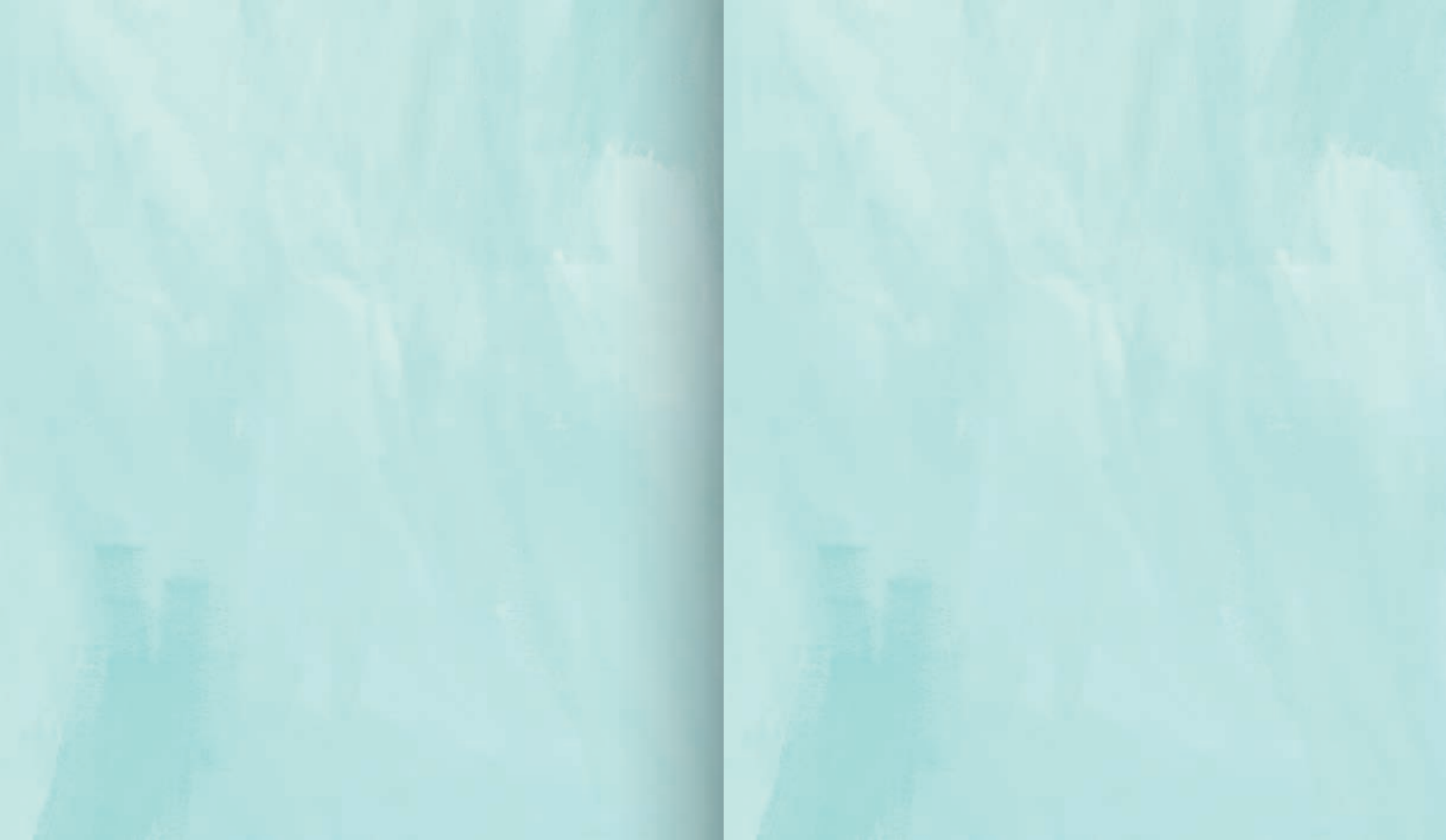
TAUBATÉ

A CIDADE DA GENTE

JOSÉ SANTOS
E ESTUDANTES DAS ESCOLAS MUNICIPAIS

ILUSTRAÇÕES DE NARA ISODA





TAUBATÉ

A CIDADE DA GENTE

JOSÉ SANTOS
E ESTUDANTES DAS ESCOLAS MUNICIPAIS
ILUSTRAÇÕES DE NARA ISODA



OLHARES

São Paulo 2018

Apresentação



A MRS Logística, concessionária que administra uma malha ferroviária de 1.643km nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, tem a honra de patrocinar o projeto A Cidade da Gente, por meio da Lei Rouanet.

A MRS acredita e investe no poder transformacional da nossa sociedade através da cultura e considera o investimento social parte fundamental do exercício da sua responsabilidade empresarial. Se no passado a ferrovia tinha uma conotação romântica, transportando pessoas, presentes, cartas e amores, hoje transportamos o desenvolvimento, o emprego e a esperança no futuro.

A palavra “cultura” deriva do latim *colere*, que significa “cultivar”. Partindo dessa premissa, conhecer a história de sua cidade se traduz em resgatar e preservar sua tradição e memória, gerando a relação de pertencimento, autoestima e formação da cidadania.

O projeto A Cidade da Gente teve por objetivo promover o estudo da história local, do processo de fundação e construção da cidade, buscando incentivar o hábito da leitura e da escrita, e também resgatar o senso de cidadania e de responsabilidade social. Foi desenvolvido com a participação dos alunos da rede pública municipal, o que os torna protagonistas da sua própria história.

Boa leitura!

MRS



Apresentação

A vida é construída de momentos inesquecíveis. Entender, resgatar e valorizar essas lembranças nos ajudam a aprender com o passado para construir um futuro melhor. Com esse lema, a coleção A Cidade da Gente investiga a história e o cotidiano de pequenas e médias cidades brasileiras, em parceria com crianças e professores de escolas públicas. O resultado são livros infantojuvenis que se constituem em verdadeira referência de conhecimento, apoiando a perpetuação e a disseminação das memórias dessas cidades e ampliando a percepção das crianças sobre sua identidade e o ambiente em que vivem.

O processo de produção deste livro envolveu momentos mágicos de reflexão da comunidade das escolas da rede municipal de Taubaté sobre o patrimônio da cidade, e de interação com o autor, o escritor José Santos, mesclando memória e literatura.

O patrocínio da MRS e a parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Taubaté foram fundamentais para a viabilização desse projeto e a distribuição gratuita de sua tiragem, que esperamos que possa ser aproveitada por muitas turmas, ao longo dos anos.

Viva Taubaté!

Sumário

- 11 Patrimônios históricos
- 18 As figueiras
- 24 Festa do Folclore da Rua Imaculada
- 28 Monteiro Lobato
- 36 Parque Municipal do Vale do Itaim
- 40 Quiririm
- 46 Culinária
- 52 Rio Paraíba do Sul e arredores
- 58 Mercado Municipal e arredores
- 64 Música
- 72 Danças e Festas



A cidade da gente se chama Taubaté e fica no sudeste paulista, banhada pelo rio Paraíba do Sul e bem próxima das serras do Mar e da Mantiqueira. Está situada numa das regiões mais desenvolvidas do país, o vale do Paraíba, no eixo Rio-São Paulo, a 95km do litoral norte e a 130km da capital.

Hoje, vivem aqui mais de 300 mil pessoas, e a maioria trabalha na indústria, comércio, pecuária e agricultura. O município apresenta um Índice de Desenvolvimento Humano, o famoso IDH, bem alto. Nossa nota é 0,800, o que significa que aqui é um lugar muito bom para morar.



Taubaté foi fundada em 1645. E todo dia 5 de dezembro comemoramos nosso aniversário com muitas festas, shows e atividades culturais, afinal, esta é uma cidade que respira cultura.

Temos o título de *capital nacional da literatura infantil*, pois o grande escritor Monteiro Lobato é taubateano. E a cultura popular também se faz presente, por um lado com a viola caipira e, por outro, com expressões do patrimônio afro-brasileiro como o jongo, a Folia de Reis, a o congado, o moçambique e a capoeira. E ainda temos o cinema: aqui em Taubaté, o cineasta Amácio Mazzaropi construiu seus estúdios e rodou a maioria de seus filmes.

O nosso projeto envolveu as escolas públicas, com o apoio da Secretaria Municipal de Educação. Foram escolhidas quatro escolas de ensino integral para representar a cidade: Unidade do Programa de Ensino Integral PEEJ III (Parque Planalto), EMEIEF Cônego Benedito Augusto Corrêa (Itaim), EMEF Prof. Juvenal da Costa e Silva (Independência), EMEF Prof. Luiz Ribeiro Muniz (Monte Belo). Os estudantes produziram textos em prosa e poesia sobre os vários temas do nosso patrimônio, tanto do edificado quanto do imaterial e do ambiental. Por isso, o livro fala da torre da CTI e do Cristo Redentor, mas trata também da festa do Quiririm, dos jongueiros e das figureiras.

E foi com a participação de toda esta empolgada comunidade escolar que conseguimos publicar este livro, de autoria coletiva. Um olhar com muito afeto sobre a cidade, que, afinal, é de todos nós.

Patrimônios históricos



CTI - Companhia Taubaté Industrial

Os estudantes da escola Juvenal saíram do bairro Independência e foram até o centro, conhecer o prédio da CTI. Descobriram, por exemplo, que antigamente funcionava ali uma fábrica. Ela produzia camisas, meias e toalhas bem felpudas. Fundada no ano de 1894 por Félix Guisard, era a mais importante indústria da região.

O prédio, no entanto, é um pouco mais novo: erguido na década de 1930. Tem dez andares e um relógio bem grande lá no topo. Podemos vê-lo de muito longe. Atualmente o prédio abriga departamentos da Prefeitura.

Se você ouvir dizer que a torre do nosso relógio é tão importante que foi até **tombada**, não se assuste. Embora esteja tudo de pé, tijolo por tijolo, o tombamento existiu mesmo. Veja que interessante: para quem trabalha com patrimônio histórico, **tombar** não significa derrubar, jogar no chão, demolir. É justamente o contrário: o prédio tombado é aquele que ninguém pode alterar e deve ser preservado para sempre.

A hora nunca perdemos
Pois a torre da CTI vem nos mostrar.
Com seu enorme relógio entendemos
Que está na hora do matuto ir trabalhar.

(Trecho de poema coletivo, Turma 5, 5º ano, Escola Juvenal)

Mazzaropi e seu museu

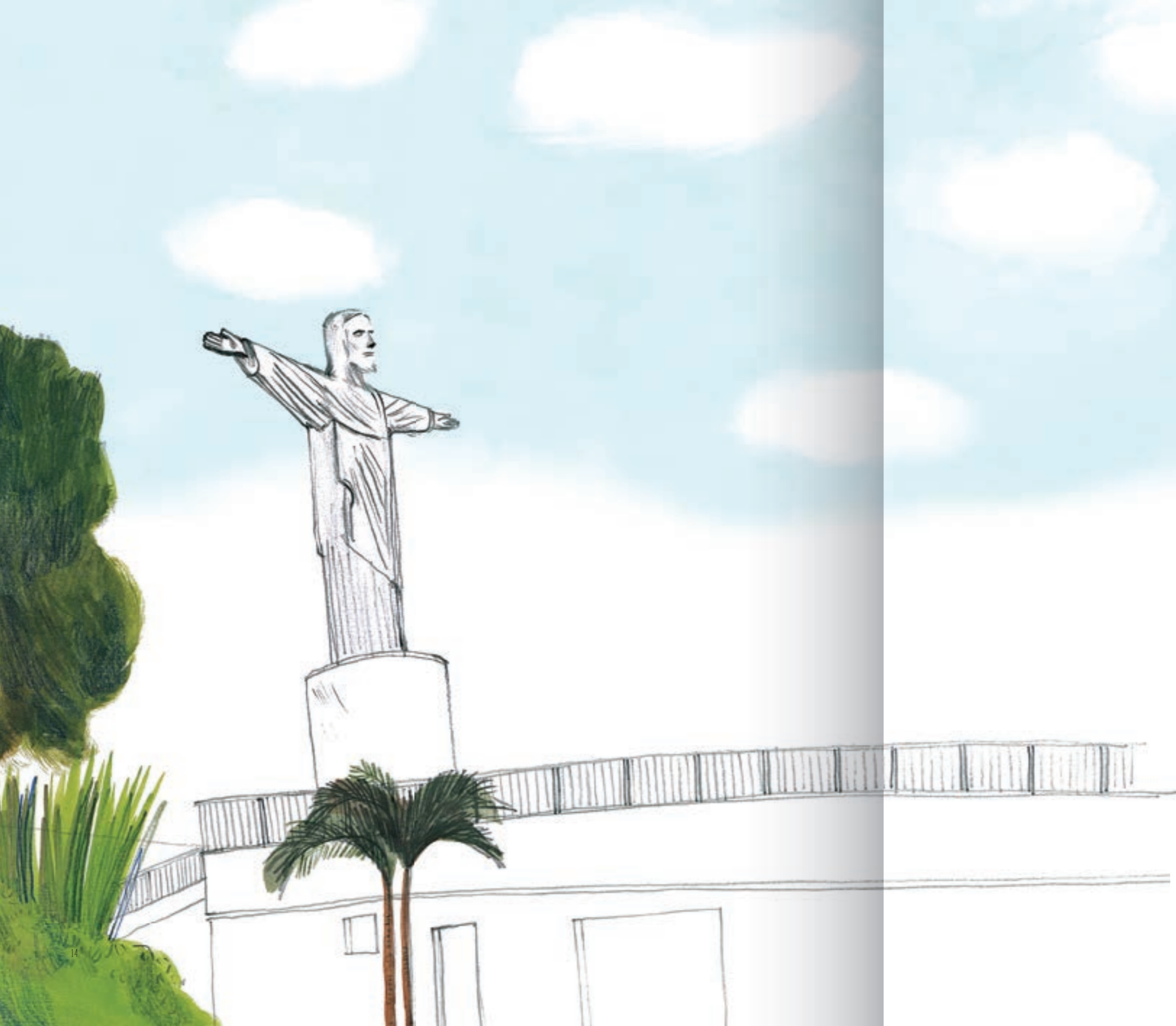
Amácio Mazzaropi nasceu em São Paulo, mas veio criancinha para cá, em 1914. Trabalhou em circo, teatro, cinema e televisão. Em Taubaté, escreveu páginas importantes da história do cinema nacional. Nos anos 1960, comprou uma fazenda na região do Itaim e lá construiu os estúdios da PAM Filmes. Interpretando o típico caipira, com calça apertada, botinas e camisa xadrez, lançou o *Jeca Tatu*, uma das maiores bilheterias de todos os tempos.



Produziu mais de trinta filmes, e foi diretor, roteirista, produtor e ator em vários deles. Como não dá para falar de todos, destacamos os clássicos *Tristeza do Jeca* e *Casinha pequenina*, além de *Sai da frente*, *O gato de madame* e *As aventuras de Pedro Malasartes*.

O Museu Mazzaropi, criado por seu amigo João Roman, preserva a memória deste grande artista num belo prédio ali ao lado dos antigos estúdios, contendo mais de seis mil itens! E mais: a PAM Filmes criou, para atender aos artistas e técnicos, um hotel ao redor do estúdio. Jardins, lago e piscinas foram pensados como cenários para os filmes. Hoje isso se transformou no Hotel Fazenda Mazzaropi, considerado um dos melhores do Brasil.





Alto do Cristo

O Cristo Redentor é um dos cartões-postais de Taubaté.

Quem chega pertinho dela pode perceber como a estátua é grande: tem treze metros de altura. Pesa 35 toneladas e foi inaugurada em 20 de janeiro de 1956. Embaixo da escultura, fica uma capela dedicada à Nossa Senhora da Paz.

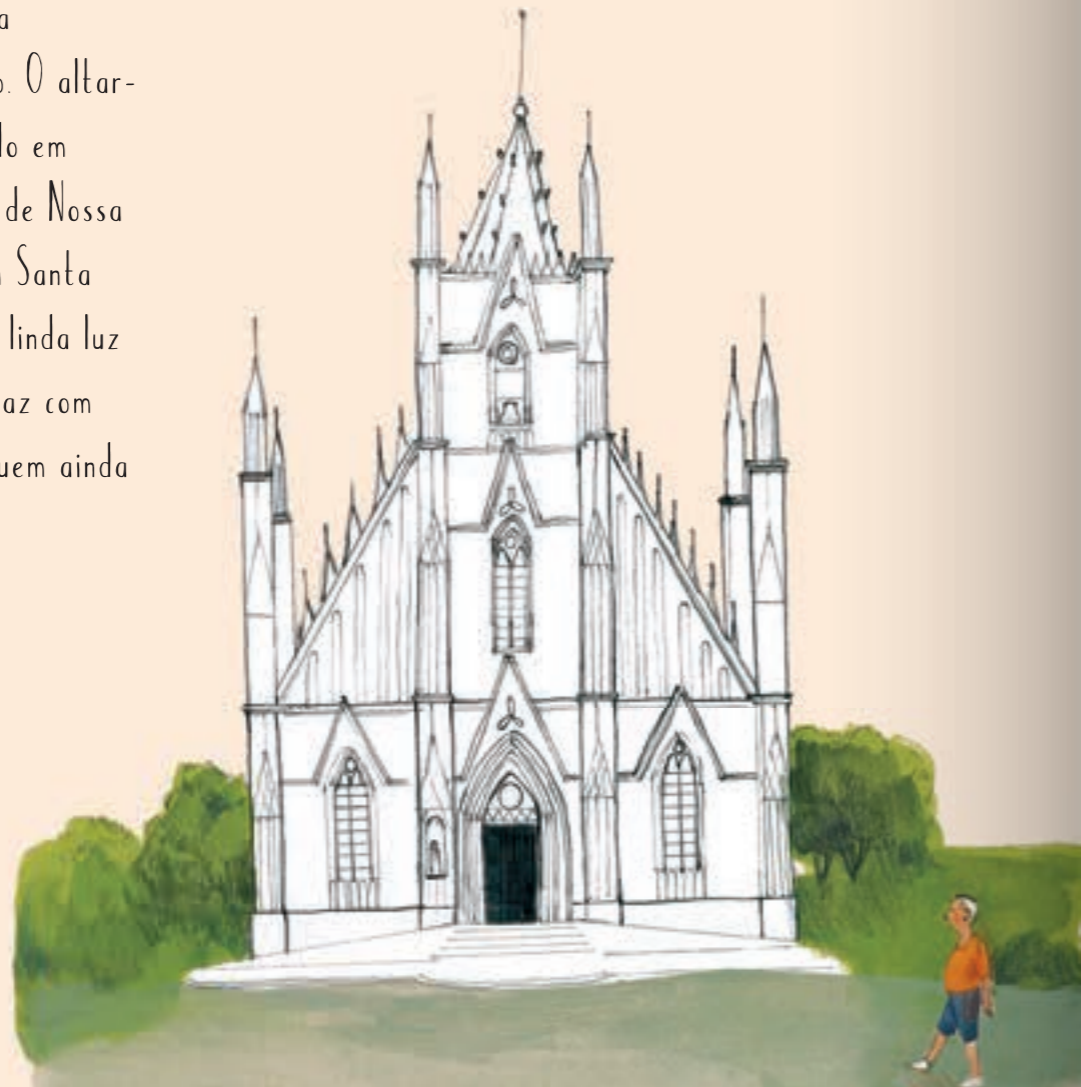
Para erguer o monumento, foi chamado o escultor Octaviano Papaiz, que sugeriu a construção de um Cristo semelhante ao que está fincado no morro do Corcovado, lá do Rio de Janeiro.

Vale a pena ir até lá para relaxar, tirar umas fotos e respirar o ar fresco. Dali, desse mirante do Cristo, temos uma vista da cidade toda e dá para ver ao fundo a serra da Mantiqueira e a garganta do Piracangaguá.

O convento e o santuário

As quatro vans com alunos da escola Juvenal da Costa e Silva estacionaram na praça de Santa Terezinha. Ali fica a igreja, que tem o mesmo nome. Sua história começou no início do século passado, quando o bispo Dom Epaminondas, soube que a freira carmelita francesa Teresinha de Lisieux, de quem era devoto, havia sido canonizada. Ele decidiu, então, levantar fundos para construir uma igreja em sua homenagem. Com o tempo, o projeto ficou maior do que muita gente imaginava.

A inauguração oficial aconteceu em 1929, mas as obras ainda prosseguiram por mais tempo. O altar-mor em mármore foi concluído em 1939, e guarda uma imagem de Nossa Senhora do Carmo junto com Santa Teresinha. Podemos ver uma linda luz azul vinda dos vitrais, que faz com que as laterais e o teto fiquem ainda mais bonitos.



O convento Santa Clara foi fundado em 1673 por frades franciscanos. Construído em uma colina, tem uma bela vista da cidade. Após um incêndio em 1843, passou por um período de abandono, tendo sido mais tarde ocupado novamente por frades capuchinhos e reformado. Da sua arquitetura original só restou a torre sineira, que, como todo mundo sabe, é onde ficam os sinos. E foi no convento que começou a história das figureiras, nossas grandes artistas populares.

As figureiras



Quem são as figureiras?

A arte popular brasileira não seria a mesma se não existissem os pavões de argila, lindamente pintados com um azul muito diferente. Quem faz esses pavões são as figureiras, em uma tradição que começou há 150 anos e resiste até hoje.

A história começa com uma mulher do povo, dona Maria da Conceição Frutuoso Barbosa. Ela fazia parte da Ordem do Convento de Santa Clara. Um dia, encontrou guardada uma imagem da Nossa Senhora Imaculada Conceição quebrada em vários lugares e se ofereceu para restaurá-la. E lá no rio Itaim ela buscou a argila necessária para fazer o trabalho.

Não foi fácil, pois dona Maria da Conceição tivera lepra e ficara com as mãos prejudicadas, e por isso amarrava as ferramentas nos seus punhos. Ela também usou a própria língua para dar acabamento ao trabalho. Depois, dona Maria resolveu fazer presépios cheios de bichos. Como era uma artista talentosa, muita gente veio aprender com ela, e quem fazia aquelas figuras acabou ganhando o nome de figureira.

O trabalho das figureiras

Durante as comemorações dos quatrocentos anos de São Paulo, em 1954, as figureiras participaram de sua primeira exposição. Em 1979, o *Pavão em relevo*, de Maria Cândida Santos, foi escolhido como símbolo do folclore paulista. Existem muitas outras figuras feitas por elas: galinhas-d'angola, chuvas de pássaros, presépios, caipiras, trabalhadoras, festas populares e cenas da casa brasileira.



O pavão se destaca também por sua cor azul aveludada, feita a partir de uma mistura de pó xadrez com goma laca dissolvida no álcool e que dá vida e beleza às peças.

São dezenas de famílias que se dedicam a esse trabalho há pelo menos quatro gerações. A argila não é mais tirada do rio Itaim: devido ao desgaste das margens do rio, esta prática foi proibida. Hoje os materiais vêm de Guararema, facilitando o trabalho dos figureiros.

Nasce a história

Do convento Santa Clara
Vem a história dos santeiros
Com o restauro das imagens
Nascem então os figureiros.

Muitos não se adaptaram
A fazer somente santos.
São os presépios, os animais,
É figura pra todo canto

Lá da Rua Imaculada
Nasce a arte da cidade
Em cada figura moldada
Tem muito amor e humildade

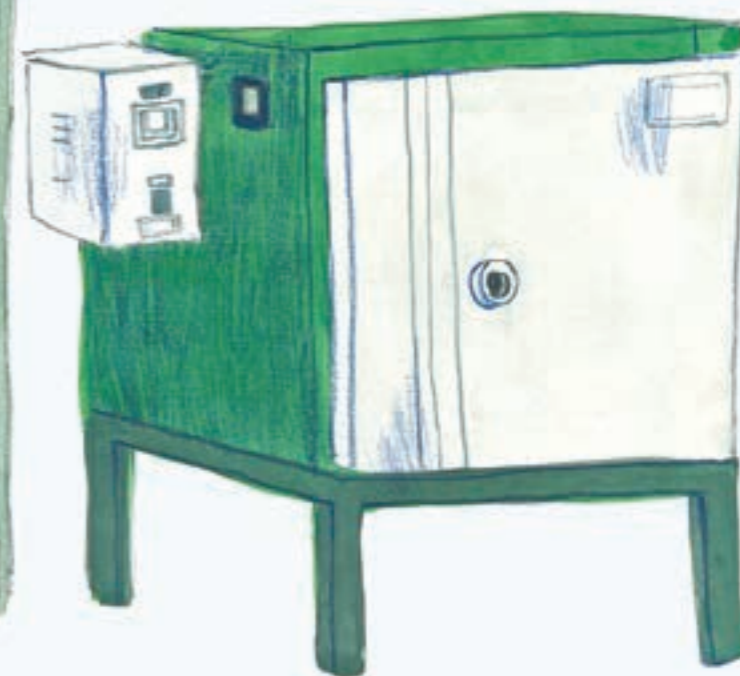
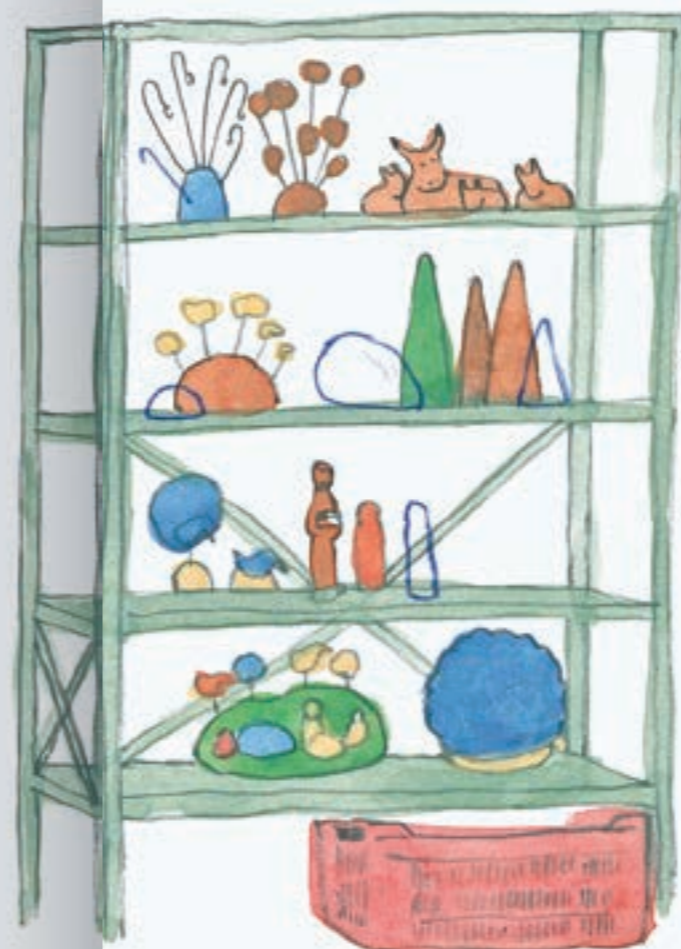
(Brenda Aparecida dos Santos e Leticia Soares Ramos de Godoy,
Turma 6, manhã, Escola Monte Belo)



Casa do Figureiro

Bem pertinho da escola está a Casa do Figureiro. É a turma da escola Monte Belo foi até lá fazer uma visita e pesquisar mais sobre o trabalho desses artistas.

A associação existe desde 1993, mas a tradição tem mais de 150 anos. Ali funciona um ateliê onde os artistas podem criar suas esculturas, colocá-las nos fornos especiais para a argila ficar bem durinha e depois fazerem a pintura. Em outro espaço acontece a exposição e venda das obras. Lá trabalham cerca de trinta figureiros – mulheres e homens – e duas estagiárias.



Essas maravilhosas obras de arte popular podem ser encontradas, além de aqui na rua Imaculada, no Mercado Municipal e em várias lojas da região.

No Rio de Janeiro, no Museu de Folclore Edison Carneiro, existe um espaço só para os artistas da nossa cidade.

Encontramos em um jornal estadual um comentário muito interessante: *"As figureiras projetaram Taubaté como um dos maiores centros folclóricos do país, e, ao lado das danças populares, foram as figureiras que criaram a mais autêntica produção local."*

Festa do Folclore da Rua Imaculada



Acontece em agosto a Festa do Folclore da rua Imaculada. É uma de nossas festas mais importantes. Muito famosa e noticiada, tem uma programação enorme, que dura uma semana inteira, com várias atrações folclóricas e da cultura popular do vale.

Os estudantes fizeram vários textos sobre a festa, misturando conversa com moradores e organizadores, pesquisa na internet e, claro, suas próprias vivências.

Além do belo trabalho das nossas figureiras, quem vier aqui poderá conhecer grupos como Companhias de Moçambique, Congada de São Benedito, Dança de São Gonçalo, Folia de Reis e Rodas de Jongo. Também fazem parte do evento shows musicais, apresentações de fanfarras, espetáculos infantis, roda de violeiros, missa campal, alvorada festiva, procissão do mastro e barracas de comidas e bebidas típicas, tudo montado na rua Imaculada. E quem deu origem a isso tudo? Os responsáveis pela criação e manutenção da Festa do Folclore são Viola e família, Pelego e família, Chico Lopes, Gasparino, sr. Vicente e sra. Luiza Pato. Na casa de dona Luiza é que era realizada a dança de São Gonçalo.



Pelo Diário Oficial de São Paulo, ficamos sabendo que a "primeira edição da Festa do Folclore da rua Imaculada, em Taubaté, aconteceu em 1951. Começou como uma festa junina, organizada e custeada pelos moradores, e apenas nos anos 1990 a festividade passou a ser de responsabilidade da prefeitura".

Fomos olhar a lista de atrações de 2017, e fizemos uma lista que mostra como a programação é rica e variada:

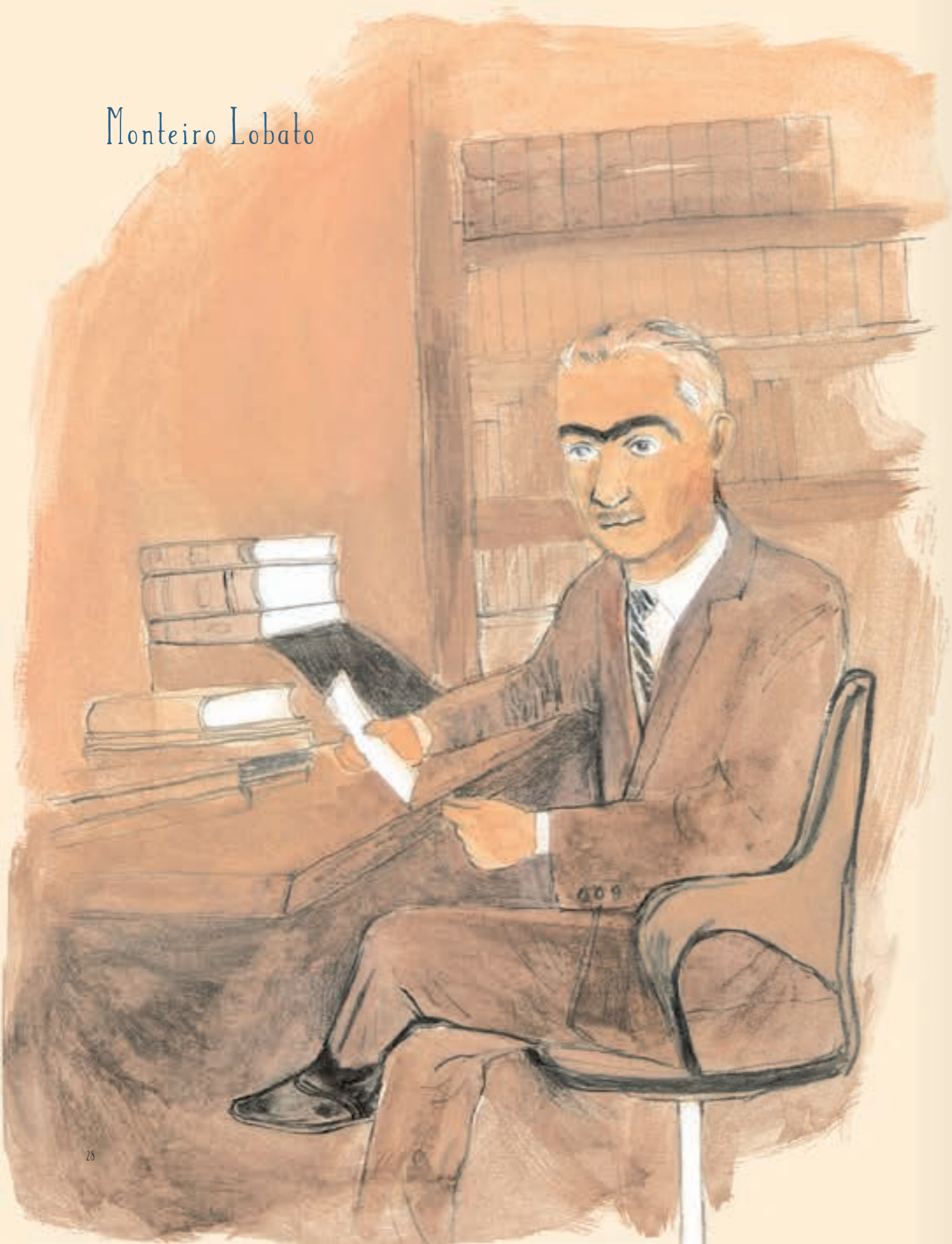
- ~ Cia. de Moçambique do Parque São Cristóvão
- ~ Cia. de Moçambique Unidos a São Benedito do Parque Bandeirantes
- ~ Capoeira, do Centro Cultural N'Golo Brasil
- ~ Cortejo de Grupos Folclóricos, na praça do Cristo Redentor
- ~ Bamuq (Banda Musical de Quiririm)
- ~ Famuta (Fanfarras Municipais de Taubaté)
- ~ Catira, do grupo Raiz de Lagoinha
- ~ Jongo Crioulo de Taubaté

Povo trabalhador
que sabe dançar, rezar e festejar.
É da rua Imaculada
que aqui nessas linhas eu vim falar.

Povo de alma alegre,
fazendo a história acontecer.
De geração em geração
sem deixar a cultura morrer.

(Kauã dos Santos Silva, Escola Monte Belo)

Monteiro Lobato




Um pouco de Monteiro Lobato

José Bento Monteiro Lobato nasceu aqui em Taubaté, no dia 18 de abril de 1882. Alfabetizado por sua mãe em casa, foi depois um aluno brilhante na escola. Após terminar a faculdade, começou a atuar como promotor público, mas teve muitas outras profissões: foi advogado e juiz; escritor e tradutor; jornalista e dono de uma editora, a Companhia Editora Nacional; e, ainda na juventude, teve uma curta carreira de fazendeiro.

Como escritor, ele produzia textos de todos os tipos: contos, poemas, crônicas, romances, críticas, artigos, prefácios, cartas. Muitas cartas. Monteiro Lobato é considerado o pai da nossa literatura infantil, pois sua obra é um marco e influenciou todas as gerações de escritores que vieram depois. Quem nunca ouviu falar do Sítio do Pica-pau Amarelo?

Lobato publicou muitos livros, como *O Saci*, *Reinações de Narizinho*, *Viagem ao Céu*, *Memórias da Emilia*, *O Poço do Visconde*, *A chave do tamanho* e *Reforma da natureza*. E não podemos deixar de recomendar as duas viagens que a turma do sítio fez à Grécia antiga: *O minotauro* e *Os doze trabalhos de Hércules*. Nossa, é muita coisa boa. E isso nem é metade da lista.

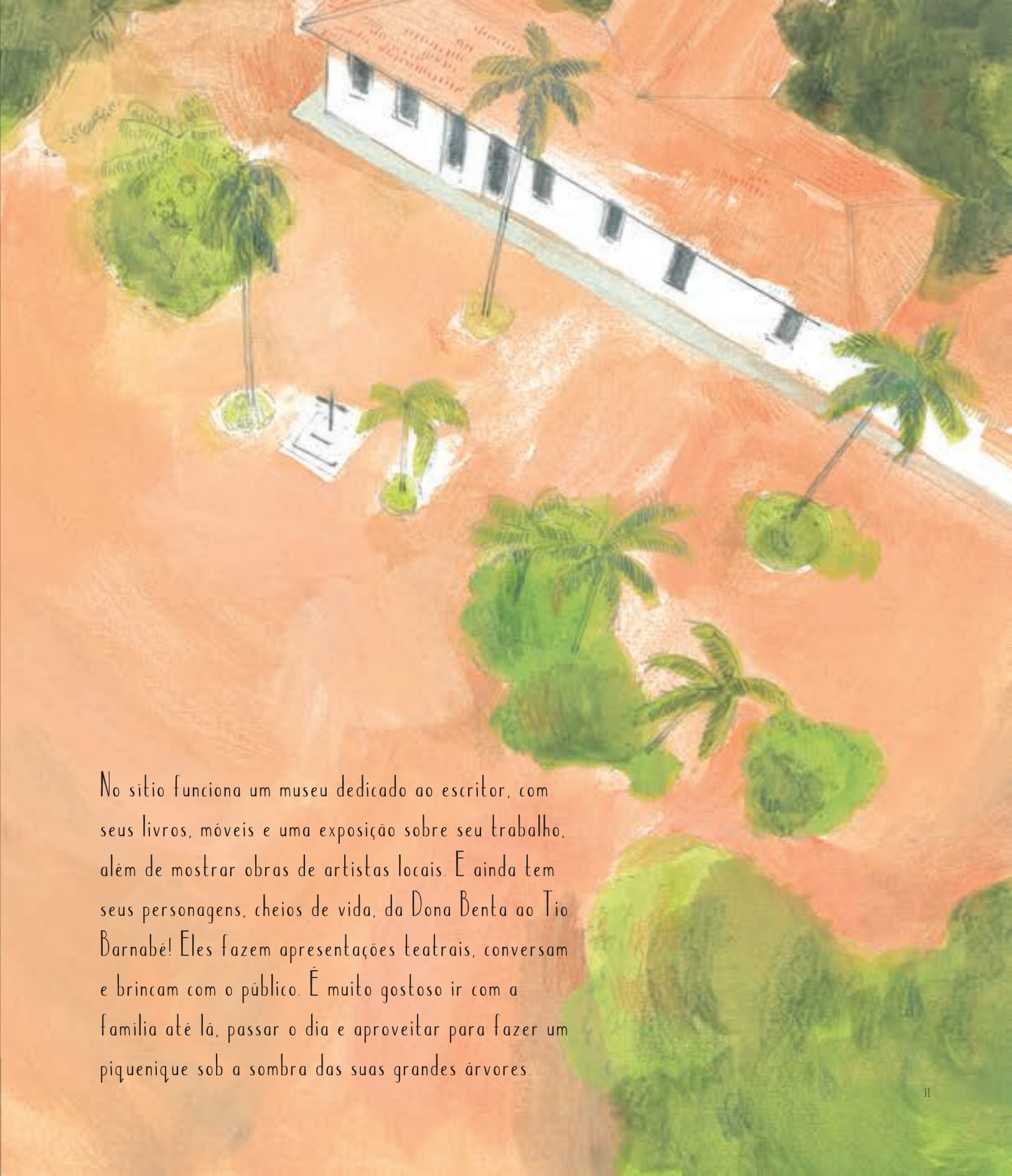
Lobato gostava de uma mistura: misturava realidade e magia, fantasia e dia a dia, seres humanos se envolvendo com animais fantásticos. E até com o reino vegetal. Um dos seus personagens mais importantes é um sabido sabugo de milho, o Visconde de Sabugosa, não é mesmo?



A chácara do visconde

Imagine só morar numa cidade onde os maiores personagens da literatura infantil estão perto de você. Onde podemos até conversar e brincar com eles. Em Taubaté é assim, pois temos, próximo ao bairro da Estiva, na Chácara do Visconde, o Sítio do Pica-pau Amarelo. Ali foi mesmo a chácara do visconde de Tremembê, avô de Lobato.

Em sua infância, o escritor frequentou muito o local, e se deliciou com o contato com as plantas e os animais, além de ouvir histórias do avô. Lobato viajou ali por muitos mundos, mesmo sem usar o pó de pirlimpimpim.



No sítio funciona um museu dedicado ao escritor, com seus livros, móveis e uma exposição sobre seu trabalho, além de mostrar obras de artistas locais. E ainda tem seus personagens, cheios de vida, da Dona Benta ao Tio Barnabê! Eles fazem apresentações teatrais, conversam e brincam com o público. É muito gostoso ir com a família até lá, passar o dia e aproveitar para fazer um piquenique sob a sombra das suas grandes árvores.

Recontando Histórias



Na sala de aula todo mundo pode criar. E foi isso que asicineiras da escola Itaim fizeram, sugeriram que os alunos escrevessem contos e poemas falando dos personagens do Sítio. A meninada foi bem inventiva, inclusive nas rimas.

A turma do Sítio

Meu nome é Emilia,
eu não gosto de baunilha.
Nastácia me criou,
e o Pedrinho já me rasgou.

O Pedrinho é meio doidinho
e às vezes bem chatinho.
Ele não gosta de usar sapato,
por isso sempre pega carrapato.

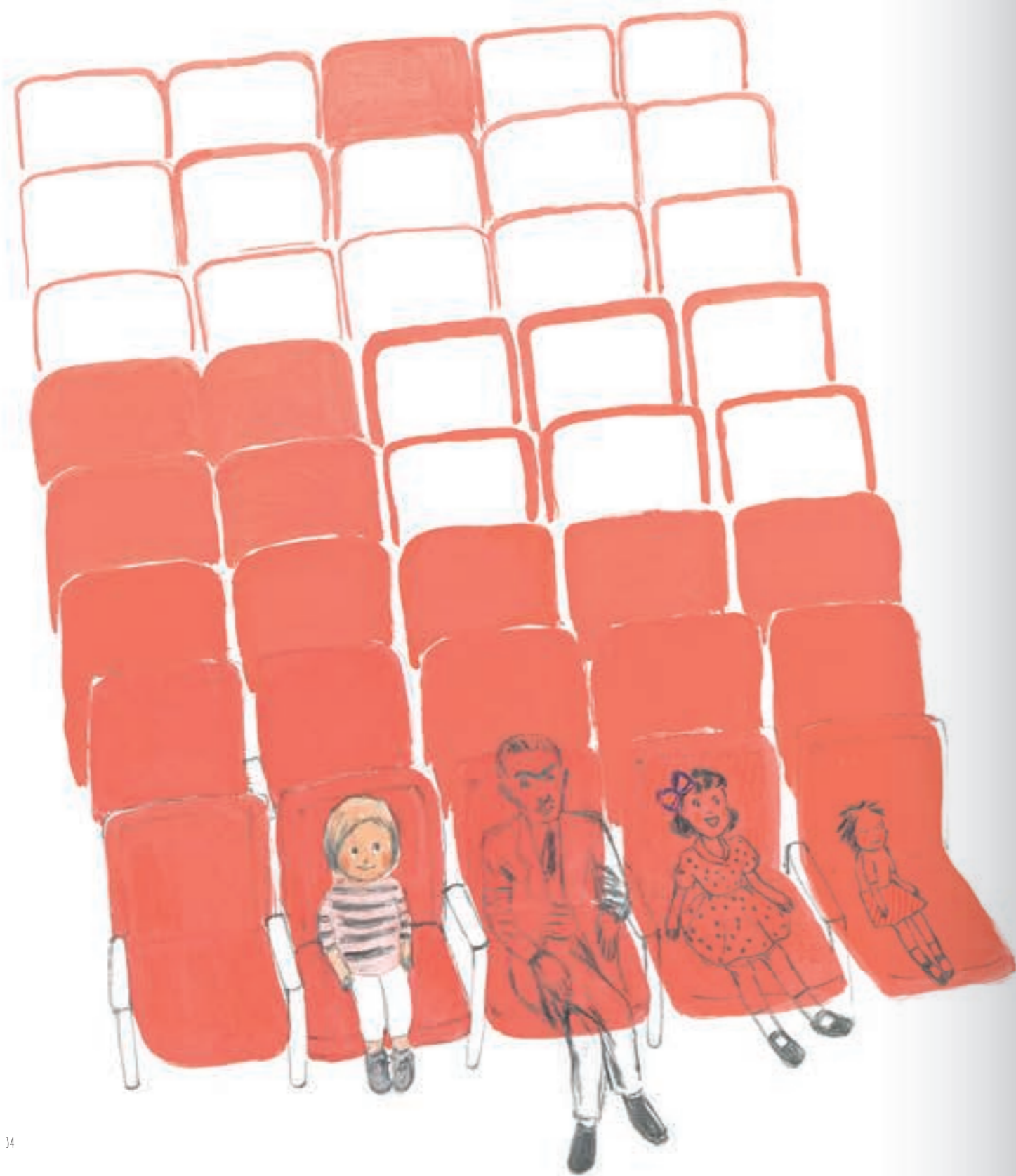
A menina Lúcia

gosta de ursinho de pelúcia.
Seu primo é amigo do Saci,
os dois sempre tomam açaí.

O Sítio é muito bonito,
só perde para o Alto do Cristo.

(Marcus Vinicius Martins Fernandes,
5º ano A, Escola Itaim)





Vejam esse pequeno trecho extraído do conto *A viagem*, criado por três adolescentes talentosos do oitavo e nono anos. Foi um trabalho de fôlego, que não coube inteiro aqui, mas você pode lê-lo todinho no site www.acidadedagente.com.br.

A viagem

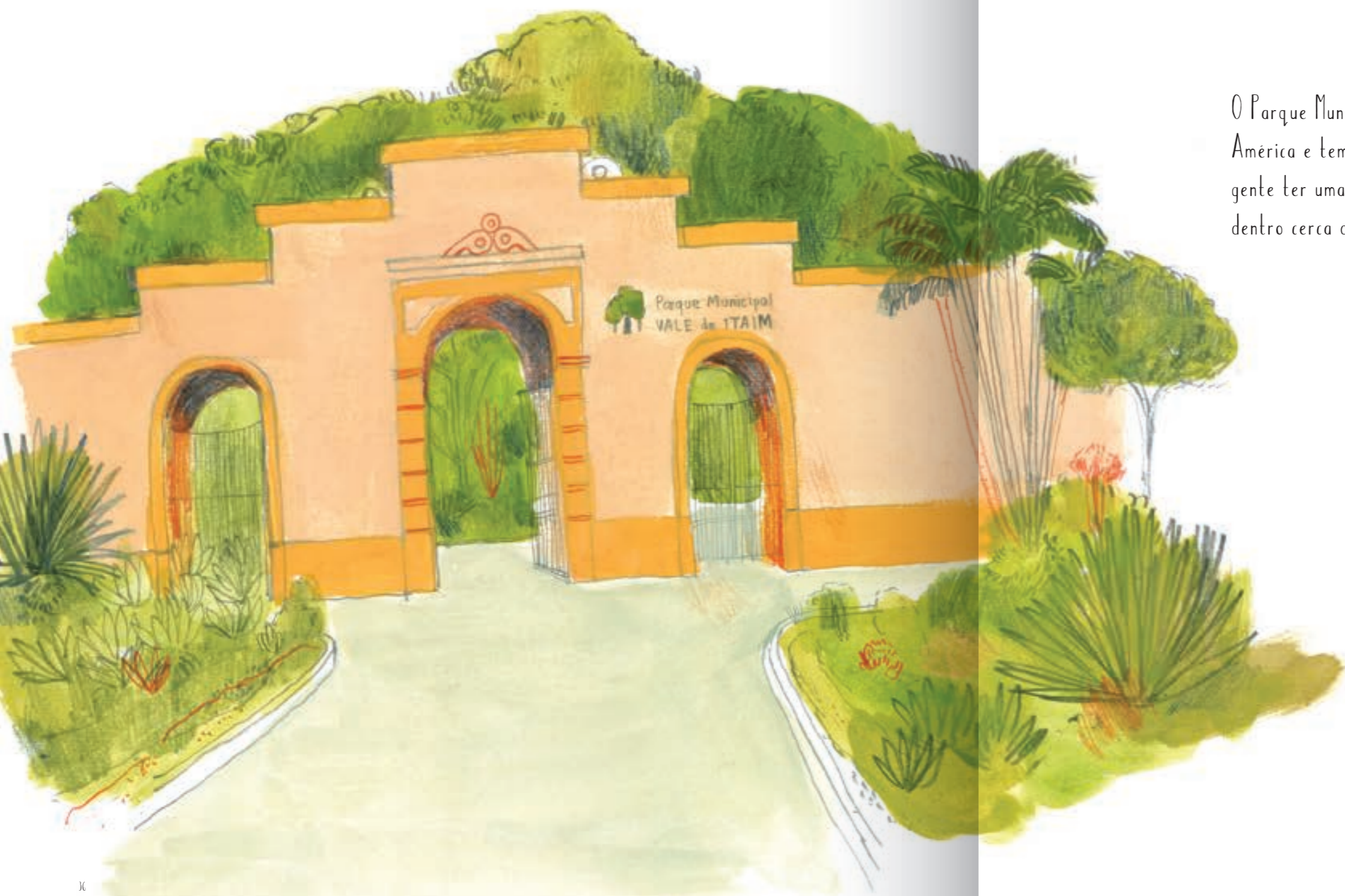
Certo dia, no Sítio do Pica-pau Amarelo, Tia Nastácia estava cozinhando. Era uma nova receita, tirada de um livro de comidas típicas do vale do Paraíba: um salgado, chamado de bolinho caipira. Ela foi buscar os ingredientes e, ao pegar o saleiro, percebeu que estava vazio. Mas, na despensa, acabou confundindo o pacote de sal com o saco do pó de pirlimpimpim, que Emília havia deixado esquecido por ali.

Narizinho e Emília ficaram ansiosas para provar o bolinho. Elas comeram toda a fornada, agradeceram a Tia Nastácia e foram tirar uma soneca. As meninas acordam assustadas, sentadas em cadeiras estranhas mas confortáveis: Onde é que nós estamos?

(...)

(Ana Luiza Machado, Hiuri Rodrigues da Fonseca de Paula Barros e Giulia Akemi Tumenas Hidaka, Escola Itaim)

Parque Municipal do Vale do Itaim



O Parque Municipal do Vale do Itaim fica no bairro Jardim América e tem uma grande área de 1.700.000 m². Para a gente ter uma ideia do tamanho, é como se coubessem lá dentro cerca de 250 campos de futebol.

O parque oferece muita coisa: pistas e trilhas para caminhada, um mirante, a Casa de Lobato (réplica do Sítio do Pica-pau Amarelo), uma brinquedoteca, um teatro para 144 pessoas, a Casa do Jeca Tatu (que se encontra em reforma), juntamente com a Maria Fumaça e a Fazenda do Tropeiro, onde agora funciona um centro de ecoterapia e um espaço para educação ambiental. Há estátuas de muitos dos personagens de Lobato espalhadas, como o Saci, Tia Nastácia, o Visconde e o próprio escritor, que saúda os visitantes próximo à entrada.



No parque, vamos encontrar, lado a lado, os biomas de Mata Atlântica e Cerrado. Vamos então falar da flora e da fauna que existem ali.

Há uma grande variedade de aves no local (mais de 130). Destaque para o tico-tico do campo, o bico de lacre, o sabiã-do-campo, o sabiã-barranco, a andorinha-pequena, o joão-de-barro, a sanã-carijô, o urubu-de-cabeça-amarela, o chibum e a inhuma, entre outras espécies.

Quanto à flora, dá até para fazer uma divisão do vive na Mata Atlântica e no Cerrado.

Mata Atlântica: Palmeiras, bromélias, begônias, orquídeas, cipós e briófitas, pau-brasil, jacarandá, peroba, jequitibá-rosa, cedro, tapiriri, andira, ananas e figueiras.

Cerrado: Buriti, cajueiro-do-campo, canela-de-ema, sucupira, lobeira, angelim, ipê-amarelo e flor-do-cerrado.





Imigração Italiana

Numa bonita manhã de sol, fomos visitar o Museu da Imigração Italiana, no famoso distrito do Quiririm. Lá, aprendemos que os imigrantes são pessoas que saem de seu país para viver e trabalhar em outro lugar, e que Taubaté tem uma bonita história com os imigrantes italianos. Eles chegaram aqui em 1891, em um grupo de quatrocentas pessoas, e foram viver no Quiririm para trabalhar na lavoura, cultivando arroz.

Agora, mais de cem anos depois, a presença deles está marcada na nossa cidade. Em especial lá no Quiririm, onde estão o museu, a antiga olaria, o Mercato Della Colônia Agrícola di Quiririm, a capela de Nossa Senhora Aparecida, o mirante e algumas casas que preservam uma arquitetura tipicamente italiana.

O museu era a antiga residência da família Indiani, uma das primeiras a chegar a Taubaté. Ela trabalhava com plantações de arroz, feijão e batata. E também fazia tijolos, com os quais construiu o casarão.

Ali, os alunos da PEEJ III viram móveis antigos, muitas fotos das famílias, objetos caseiros, máquinas usadas nas plantações e uma curiosidade: a parreira que está plantada na porta de entrada está ali há décadas, desde quando os Indiani residiam na casa.



Festa da colônia italiana

Nossa "pequena Itália" é conhecida em todo o país graças à Festa da Colônia Italiana de Quiririm, que acontece todos os anos no final do mês de abril. Hoje ela recebe uma multidão – são em média 300 mil visitantes a cada ano –, mas começou pequena, em 1989, numa data escolhida para homenagear a conclusão do sobrado da família Indiani que hoje abriga o museu da imigração italiana.

Mas antes de falar da festa, vamos saber o que significa Quiririm. Fomos pesquisar na internet, lá no utilíssimo Almanaque de Taubaté. E ficamos sabendo que é uma palavra de origem tupi, que significa "onde a chuva dorme".

A festa é um mergulho nas tradições italianas, que passam pela dança, pela música e pela culinária. Traz desfiles de carros alegóricos, apresentações musicais e teatrais, e, claro, os grupos folclóricos do distrito, como o Masolin de Fiori, Piccola Tarantela, Santa Lucia e Prima Tarantela.

Nas barrquinhas e cantinas, fica difícil escolher entre tanta variedade: lasanha, marubim, pizza, nhoque, sanduiches de calabresa, filês à parmegianna e muitos doces e sorvetes. É uma pena não poder provar de tudo...

Festa de Santa Luzia

O dia de santa Luzia é comemorado em 13 de dezembro, e as crianças participam muito dessa festa. Da pesquisa feita pelos alunos, ficamos sabendo que essa data é muito comemorada também na Europa, na Noruega e na Dinamarca, passando pela Itália e Portugal.



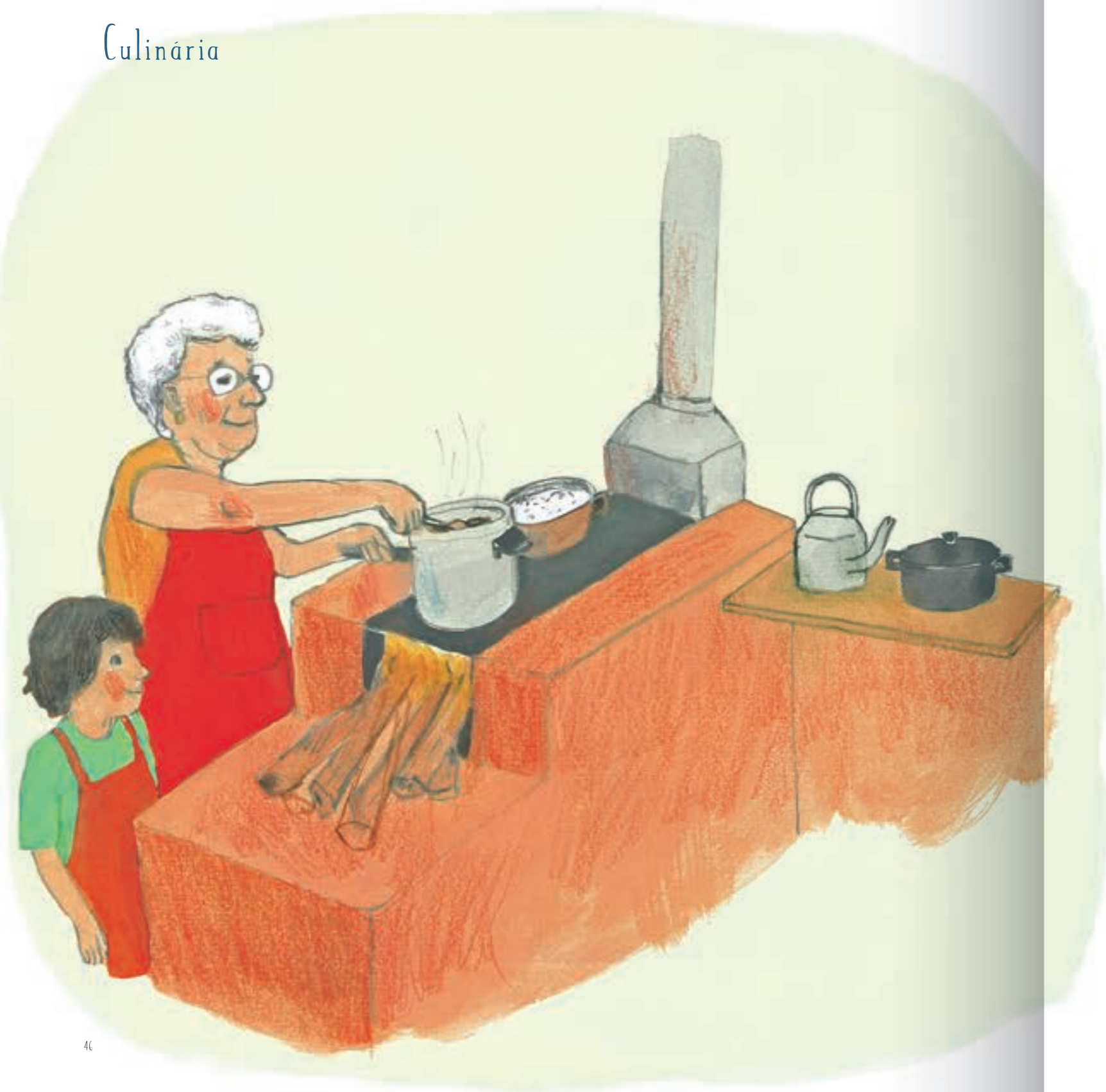
Diz a lenda que na madrugada do dia 12 para 13 de dezembro, a santa passava pelo distrito do Quiririm, montada num burrinho. Quando iam dormir, as crianças colocavam capim em um pratinho e deixavam embaixo da cama. E quando acordavam, no lugar do capim, elas encontravam doces.

Para manter a tradição, todos os anos os moradores fazem uma encenação desta lenda, no domingo mais próximo ao dia 13 de dezembro. Uma jovem representando a santa passa pelas ruas, pela manhã, numa charrete puxada por um cavalinho baio. E as crianças saem até a calçada, ainda de pijama, levando um pouquinho de capim nas mãos para alimentar a montaria da santinha. Em troca, todas ganham doces. E cantam, bem afinadas, com um certo sotaque italiano:

*"Santa 'Lutia' passou por aqui,
com seu cavalinho comendo capim"*



Culinária



Culinária caipira

A culinária da nossa região é conhecida como culinária caipira. A colonização do vale do Paraíba se deu por causa da passagem dos tropeiros, que transportavam em lombo de burro as mercadorias pelas cidades da região. Feijão-tropeiro, bolinho caipira e vaca atolada são algumas de nossas comidas típicas.

Receita da vaca atolada

A vaca atolada é um desses pratos típicos e muito conhecidos na nossa região. Com a ajuda da cozinheira Silvia dos Santos, da PEEJ III, obtivemos uma receita desse quitute.

Ingredientes

2 kg de costela
2 kg de mandioca
Cheiro verde
Sal
Cebola
4 dentes de alho
Óleo vegetal
Água

Modo resumido de preparo:

Modo resumido de preparo: coloque na panela de pressão, no óleo bem quente, a cebola e alho. Refogue a costela, usando também o cheiro verde. Depois do refogado, adicione água e deixe na pressão por dez minutos, para fazer um saboroso caldo. A mandioca fica nesse caldo até estar cozida. Misture a costela e a mandioca e sirva bem quente.

Com a ajuda dos estudantes fizemos uma atividade de criação de texto, chamada de receitas rimadas. Usamos palavras retiradas dos ingredientes, modo de preparo e utensílios de cozinha. Escolhemos rimas. Montamos tudo em versos. Boa leitura e bom apetite.

Receita rimada de Vaca Atolada

Segue agora uma receita
aqui de Taubaté
ela fica tão gostosa
que a comemos até em pé.

Usamos muita mandioca
cebola, alho, costela,
cheiro verde, óleo, sal,
e vai tudo pra panela.

Sobre o óleo bem quente
coloco a cebola cortada
e naquele calor todo
vai ficar logo dourada.

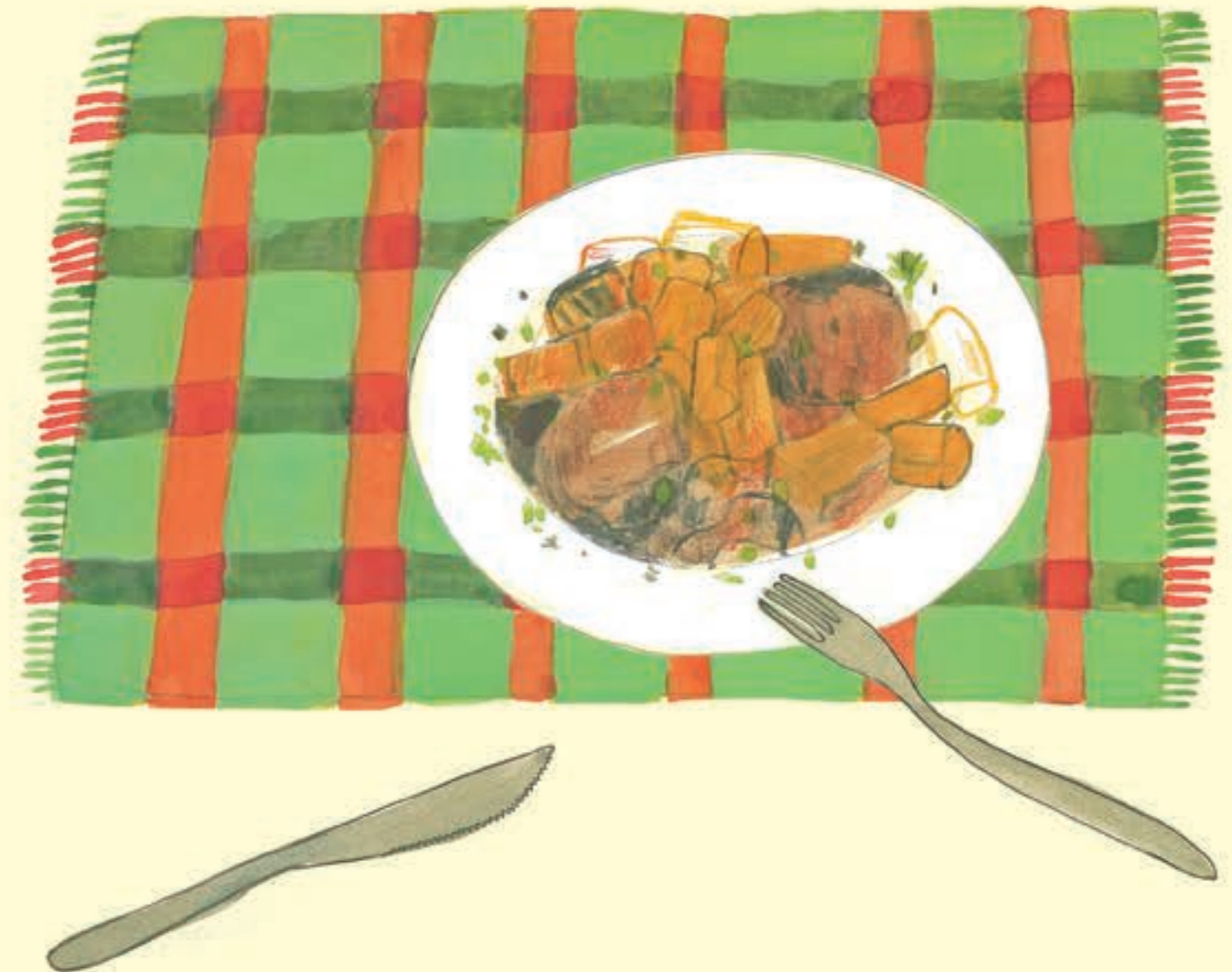
Então chega o momento
da costela despejar
no meio do cheiro verde
e cebola, é a hora de refogar.

Vou jogar um tanto d'água
na panela de pressão
e fecho por dez minutos
até formar um caldão.

Depois de tudo feito
nós iremos destampar
pra colocar a mandioca.
É a vaca vai se atolar!

O prato já está pronto.
É depois? É depois?
Depois é só servir
ao lado de um bom arroz

(Criação coletiva com os alunos da PEEJ III)



Culinária italiana

Em Taubaté, há o gostoso encontro entre a cozinha do vale e a cozinha italiana. A vaca atolada convive com a lasanha e o bolinho caipira com a bruschetta, essa deliciosa torradinha coberta com tomate, azeite e orégano.



A comida italiana é tão popular no Brasil que nomes de pratos e ingredientes já estão nos dicionários, com a grafia aportuguesada. Assim, o *spaghetti* virou espagete, o *tagliarini*, talharim, a *lasagna*, lasanha e o *gnocchi* se tornou nhoque.

Sem deixar de lado a pizza, um prato que caiu no gosto e no forno do brasileiro, e é comida que se pede, ao vivo ou por telefone, do Pará ao Paraná.

Ficou uma história curiosa para o final, sobre o *marubiou marubim*.

Alguns alunos achavam que ele era uma invenção ali do Quiririm, talvez porque marubim pareça um nome indígena. Só que não é! O *marubini* é um prato italianíssimo, típico das cidades de Cremona e Piacenza, na Lombardia. No Quiririm, ele é feito com uma massa recheada com frango, parmesão e noz-moscada, cozida no caldo da própria ave, de preferência velhusca e gordinha, e servida em forma de sopa. É um prato muito consumido no Natal.



Rio Paraíba do Sul e arredores



Rio Paraíba do Sul

O nome correto do rio é Paraíba do Sul, mas todos o chamam de Paraíba. Sua nascente fica na serra da Bocaina (estado de SP) e sua foz no oceano Atlântico, em São João da Barra, já no estado do Rio de Janeiro.

Existem várias versões sobre o significado do seu nome. O etimologista Antenor Nascentes, que estuda a origem das palavras, diz que vem da língua tupi-guarani: *pa'ra* (rio) e *a'iba* (ruim, impraticável), um rio difícil para navegar.

Hoje, o difícil é o rio sobreviver, pois recebe todo o tipo de impacto. É desmatamento das margens, poluição por agrotóxico e muito esgoto doméstico jogado nas suas águas. Até os peixes estão indo embora.

Arrozais

Os arrozais do distrito do Quiririm estão às margens do rio Paraíba do Sul, bem como outras plantações. Seu plantio começou entre 1890 e 1915, a partir da chegada dos italianos na nossa região. Foi uma nova riqueza que surgiu no vale em um momento difícil da economia, devido à queda na produção de café.

Na época, um colono francês, Philibert Franchon, mecânico de profissão, instalou ali o Engenho Central, onde beneficiava e ensacava toda a produção dos arrozais, permitindo a expansão das lavouras. Rapidamente, os arrozais chegaram à extensão de cinquenta alqueires.

O Quiririm continua a ser o nosso principal centro de produção de arroz. Ou, usando uma palavra mais difícil, o centro da rizicultura paulista. Mas vários agricultores dividiram ou substituíram seus arrozais por plantações de batata e, na última década, também pela lavoura de soja.

Um bom trabalho feito sobre os italianos em Taubaté foi a tese da professora Ana Lucia di Lorenzo. Ela conta que "o Quiririm continua com os arrozais, pela insistência dos velhos arroteiros italianos". Como no caso do senhor José Pistilli, que continua ali "por ter aprendido com o avô e não saber fazer outra coisa".



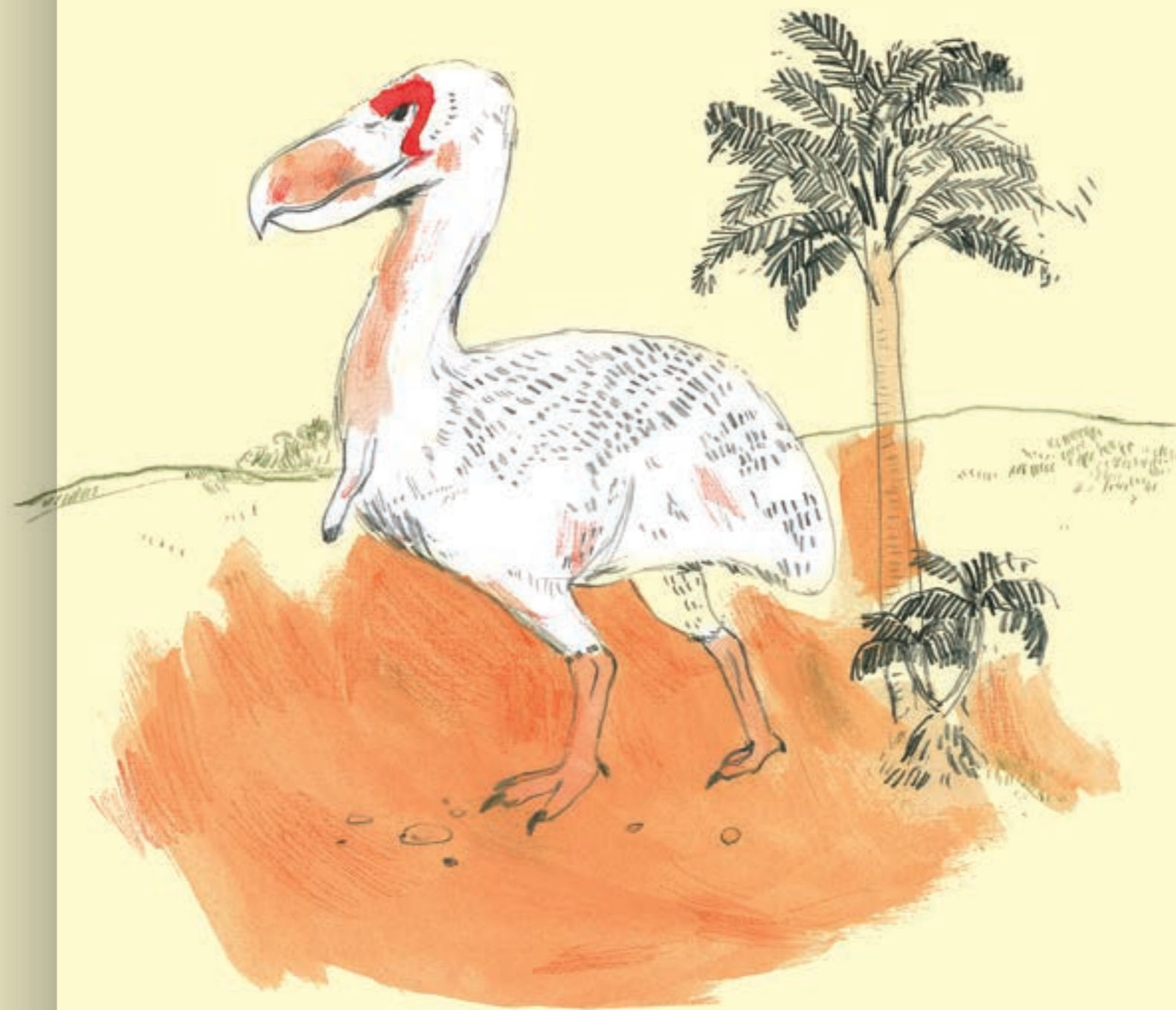
Fóssil de Taubaté

Imagine que estamos juntos, andando pela rua, já anoitecendo. Viramos uma esquina e vemos na nossa frente uma ave enorme, com mais de dois metros de altura, e ainda por cima carnívora. A gente sairia correndo. É você?

Parece uma cena de filme de aventura, mas com um detalhe: esta ave é real e viveu aqui na região. Seu nome científico é *paraphysornis brasiliensis*, mas vamos usar o apelido que a turma do museu deu para ela: Fisô.

O Fisô viveu há cerca de 23 milhões de anos e foi descoberto pelo paleontólogo taubateano Herculano Alvarenga, aqui ao lado, no município de Tremembé. Ele estudou e restaurou o esqueleto desse predador, que atingia o peso de quase duzentos quilos.

Para guardar o acervo do professor Herculano e outras preciosidades, foi criado em 2004 o Museu de História Natural de Taubaté. Esse museu é muito interessante: o serviço educativo pode atender desde crianças da pré-escola até estudantes de pós-graduação. Vale a pena ir até o bairro Jardim do Sol para fazer uma visita e conhecer o Fisô e sua história.



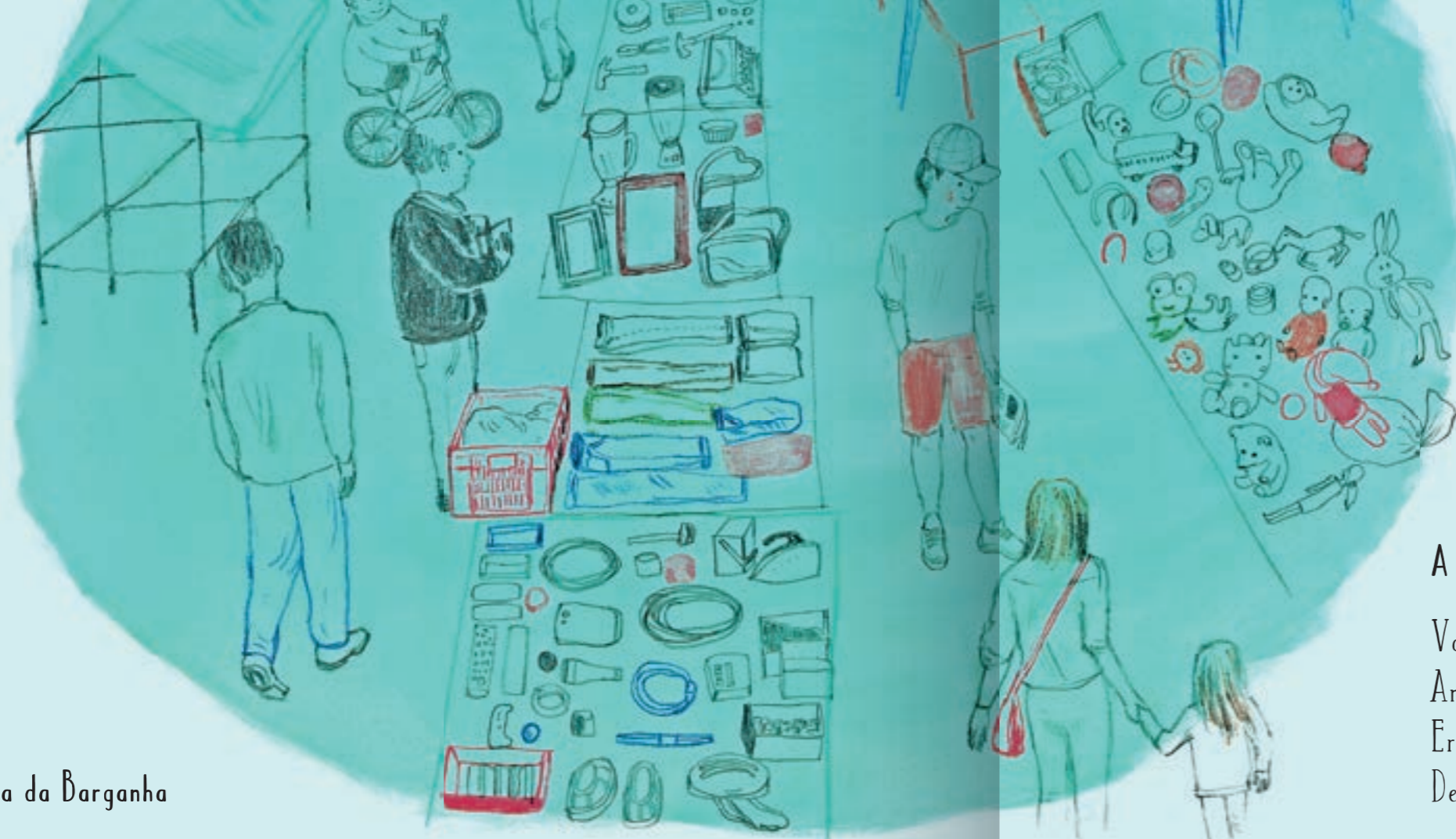
Mercado Municipal e arredores

O nosso mercadão é bem antigo. Na mesma época em que o marechal Deodoro da Fonseca tirava a espada da cinta e proclamava a República, o nosso mercado era inaugurado, com o nome de Barracão do Comércio. Isso foi em 1889. Anos mais tarde, no mesmo local, um prédio muito grande e muito caro foi erguido, o Mercado de Taubaté.



O mercado é um ponto central da cidade. Todos vão lá, inclusive turistas, para comprar frutas, verduras, legumes, doces, flores e artesanato. É ainda provar do delicioso pastel de queijo da Mantiqueira. Os estudantes da escola Professor Luiz Ribeiro Muniz, Monte Belo, fizeram vários poemas sobre o tema. Veja no site do projeto as estrofes que juntamos de poemas das alunas Maria Luiza e Amanda. Eles oferecem um retrato muito interessante do lugar e das pessoas que circulam por lá.





Feira da Barganha

A Feira da Barganha é uma grande feira de trocas, pois barganha significa exatamente isso, troca, permuta, escambo etc. O evento acontece todos os finais de semana.

Até os anos 1950, a feira ficava na praça Dom Epaminondas. Depois, a Feira da Breganha, que é o jeito que o povo gosta de chamá-la, ganhou fama, foi crescendo e mudou-se para uma das laterais do nosso mercado municipal. Ali você pode comprar muita coisa interessante ou fazer algumas trocas: um livro por um brinco, um brinco por um perfume aberto, um perfume aberto por um relógio quebrado, um relógio quebrado por um disco de vinil, dez discos de vinil por um álbum de figurinhas quase completo.

Vamos saber mais através de um poema, feito pela Bruna Lobo, que conta da feira em versos muito bem rimados.

A feira da Barganha

Vamos falar sobre a feira da Barganha
Antes ficava na Dom Epaminondas, aquela praça
Era mais conhecida como Breganha.
Depois ficar lá não teve mais graça

Se mudou para a lateral do mercado.
Desde o começo havia troca de mercadoria
Onde o relógio era o mais comercializado.
Depois, muita coisa se trocava ou se vendia

Muitas pessoas importantes passaram por esse lugar
Como Gilberto Gil e Renato Teixeira
Divulgando este nosso espaço popular
E até em filmes do Mazaropi aparece esta feira.

(Bruna Lobo, 6º B, Escola Monte Belo)



Bica do Bugre

A turma da escola Juvenal esteve na Bica do Bugre, que fica na região central, próximo ao mercado municipal. E deu para aprender muito com a visita.

É um dos lugares mais antigos da cidade, faz parte do nosso patrimônio histórico. Nessa fonte, durante séculos, muita gente parou para beber água, e dali foi criada a lenda que diz assim: quem beber da água dessa fonte irá um dia retornar à cidade.

Muitos alunos achavam que bugre fosse o nome de um grupo indígena, mas não é nada disso. Bugre não é uma boa palavra para se falar, nem deve ser usada para chamar a ninguém: era o nome que os colonizadores europeus davam aos indígenas, sendo sinônimo de rude, selvagem, herege e tudo mais de ruim. Que coisa mais preconceituosa!

Infelizmente, nos dias de hoje a bica está fechada com grades e sem água. Mas é o desejo de muitos moradores da cidade que ela seja restaurada, reaberta, com água fresquinha jorrando da fonte.



Música

Viola Caipira

A viola é um instrumento de cordas. Ela é menor que o violão, e maior que o cavaquinho. No Brasil ela tem vários nomes: viola cabocla, viola brasileira, viola sertaneja ou simplesmente viola caipira. Sua origem é antiga, tanto o violão clássico quanto a viola caipira têm sua origem a partir de outro instrumento, o alaúde.

Em nossa região a viola caipira foi tocada pelos colonizadores, pelos bandeirantes e em seguida pelos tropeiros, que sempre carregavam um violeiro para alegrar a tropa.

A turma 5 da escola Juvenal foi muito criativa ao fazer um acróstico sobre a viola. Acróstico é um tipo de poema onde a gente coloca um nome na vertical e depois vai preenchendo as linhas de texto usando essas letras. Parece um jogo de palavras cruzadas, confira.

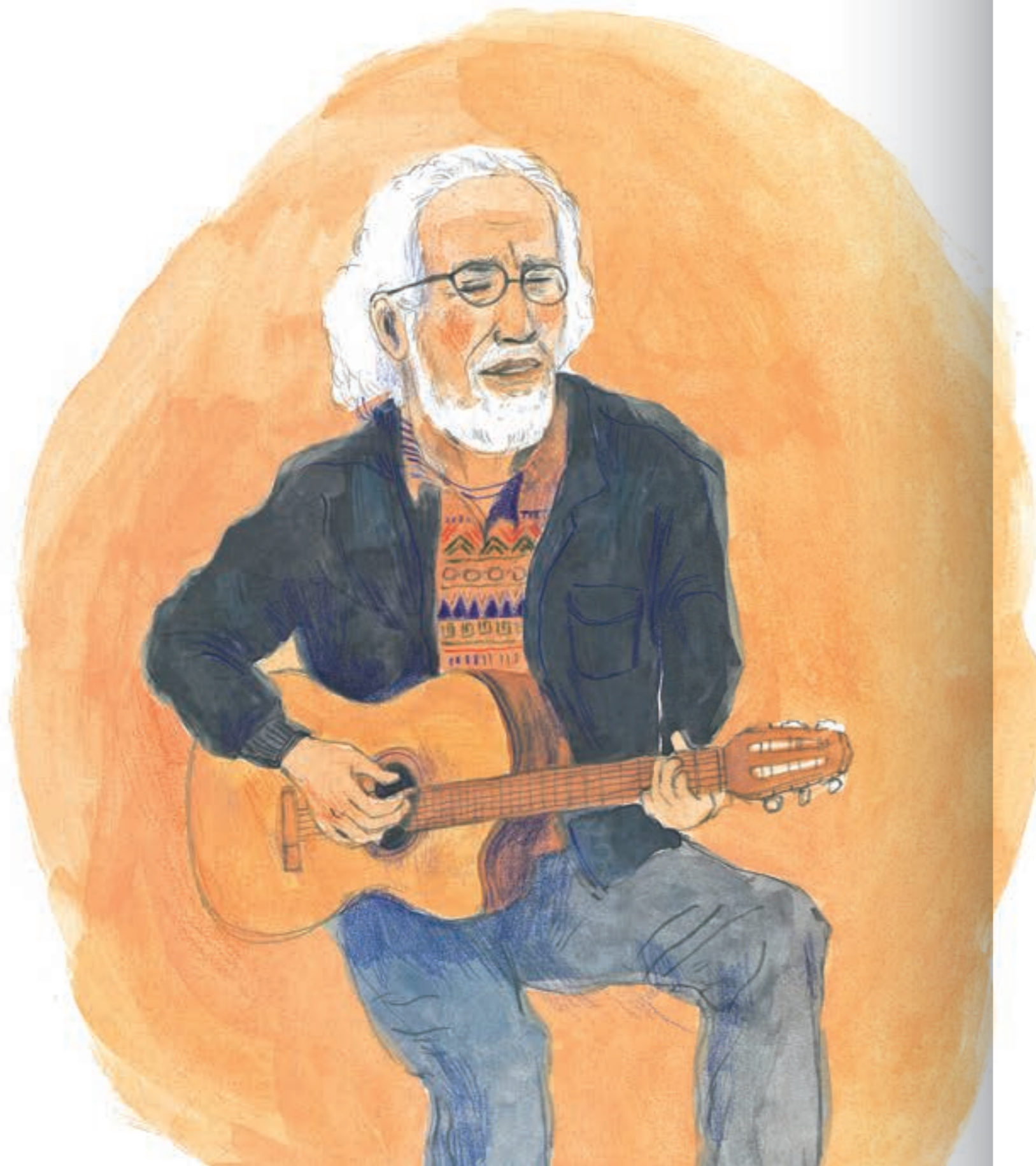
Acróstico da Viola

Vamos juntos desse instrumento falar
Impressionante e bonito é o seu som
Orgulho traz para nossa região
Legal é tocar com o coração
Amor se expressa em cada tom

Caipira, cabocla ou brasileira
A sua característica é variada
Imponente, forte e autêntica.
Propõe poesia, ao ser tocada
Isso é uma maravilha, tem ritmo essas cordas.
Ressou com jesuitas, bandeirantes e tropeiros
Amadureceu seu som nas mãos de grandes violeiros.

(Produção coletiva dos alunos da Escola Juvenal)





Renato Teixeira

Se a gente fala sobre viola e violeiros, o nome do músico Renato Teixeira sempre chega na conversa. O artista, que tem uma ligação muito grande com a cidade, respondeu com muita simpatia às perguntas que os alunos da escola Professor Luiz Ribeiro Muniz enviaram.

O que representa a cidade de Taubaté para você?

Eu fui criado em Taubaté, e o lugar onde a gente foi criado é a nossa referência. Onde fazemos nossos aprendizados, tiramos as nossas primeiras conclusões, e essa coisa vai para a vida toda.

Tem alguma canção em especial que você já tenha feito exclusivamente para a nossa cidade?

Ah, fiz muitas. Eu tenho um disco só de músicas sobre a cidade, se chama *Renato Teixeira canta Taubaté*. Eu falo da rua da Imaculada, da Feira da Barganha, canto até o clube que eu frequentava. Eu fiz música pros amigos, como "Eu e Ney sentados na ponte". A música precisa dessas lembranças para poder existir.

Sentado na ponte sobre o rio
Que corta a cidade de fio a pavio
Lá ficava o Ney me esperando
Com seu assobio.

("Eu e Ney sentados na ponte", Renato Teixeira, álbum *Romaria*, 1978)

Famuta

A Famuta é uma fanfarra. Mas o que é uma fanfarra? Fomos consultar um dicionário de música e descobrimos que esse é o nome que se dá a um tipo de banda, a banda marcial. Eles tocam instrumentos de sopro e percussão, têm bailarinas e se apresentam em desfiles e eventos, principalmente de rua. Eles precisam ter muita habilidade, pois tem de tocar e andar ao mesmo tempo. A **Fanfarra Municipal de Taubaté** é formada por muita gente: são 130 jovens músicos e bailarinos, com idades entre 12 e 28 anos. Foi criada pelo professor Humberto Puccinelli, um apaixonado por música, em 1968. De 1969 a 1974 ficaram inativos, mas voltaram em 1974 como Fanfarra do Ginásio Municipal Professor José Ezequiel de Souza e estão em ação até hoje.

Ela tem participação ativa em torneios internacionais, conquistando o campeonato mundial na Dinamarca, em 2015. Já em 2017, nos Estados Unidos, ganhou medalha de ouro nas categorias Banda Sinfônica e Batalha de Percussão, além de ser vice-campeã, com incríveis 96 pontos.



Escola municipal de artes "Maestro Fêgo Camargo"

Taubaté é uma cidade muito musical. Na rua tem sempre gente carregando instrumentos, e das janelas saem acordes de viola. A música vem de muitos lados, dos violeiros à fanfarra municipal, dos congadeiros aos foliões de Reis, dos capoeiristas aos músicos de bar, com seu banquinho e violão. Graças ao esforço de muita gente batalhadora, em 1967 foi criada uma escola, não só de música, mas de artes.



Ela é importantíssima para a cidade, pois é pública e oferece ensino profissionalizante. Atualmente atende a 1.100 alunos matriculados com idades que vão dos sete aos setenta anos, espalhados em quatro áreas: artes plásticas, cênicas, dança e música.

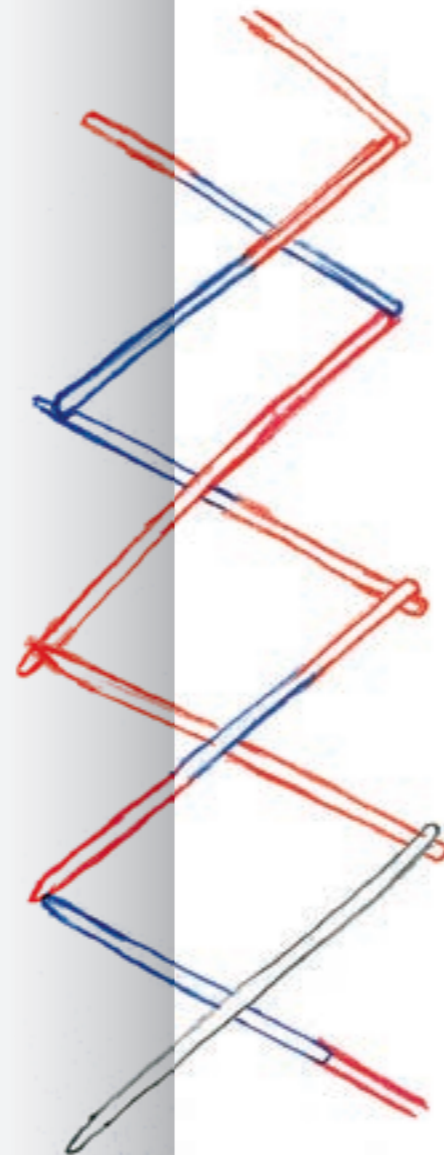
O patrono da escola é o maestro Segesfredo Camargo. Ele foi um grande músico taubateano, nascido aqui há mais de um século, em 1888, e era um apaixonado pela educação. Acreditava que a escola pode tornar as pessoas melhores. Fêgo era o seu apelido e ele foi também um importante compositor, instrumentista e professor. Regeu a Orquestra Odeon, que na época era uma das melhores do interior de São Paulo. Brilhou na década de 1930 tocando violino, seu instrumento predileto, e compôs valsas, choros, marchas, hinos e até um tango. Com Gentil Camargo, criou "Taubaté em visgo", sucesso do carnaval de 1927.



Danças e Festas

Moçambique

Moçambique é uma dança preservada pelas comunidades afrodescendentes do Sudeste e do Rio Grande do Sul. Ela acontece no período das festas do Divino e das folias de Reis, e homenageia seus santos, como são Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Para reconhecer a turma do Moçambique, olhem para seus pés: eles sempre trazem paias (carreiras de quizos) ou gungas (pequenos chocalhos de lata) presos aos tornozelos.



Em nossa cidade, temos o grupo de Moçambique de São Benedito do Parque Bandeirantes, formado por 36 pessoas de diversas idades. O grupo foi criado por Pai Geraldo de Paula Santana, conhecido por Paizão, que aprendeu a arte do Moçambique com seu pai, Francisco Tomé. Hoje em dia o responsável pelo grupo é neto de Francisco e filho de Geraldo, Geraldo de Paula Santana Filho, o mestre Paizinho.

Mestre Paizinho é muito ativo. Além do envolvimento direto com o Moçambique, ele é líder do Grupo de Adoração aos Presépios, folião de Reis e líder da catira. Desde 2002, o grupo tomou a iniciativa de ir às escolas voluntariamente para trocar saberes com as crianças. E tem sido uma troca muito boa, pois assim a tradição nunca se perderá.

Congada do Alto do Cristo

A origem da congada vem das irmandades católicas de escravos e libertos, reunidos ao redor dos seus santos: Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia e São Elesbão.

A Congada do Alto do Cristo teve seu início após a chegada a Taubaté de duas pessoas muito importantes, vindas de São Luiz do Paraitinga: Guido Bonifácio, que fundou o grupo, e Joaquina de Oliveira, que começou a dançar congada aos seis anos de idade e hoje é a responsável pelo movimento.

O grupo conta com 38 integrantes, que tocam viola, sanfona, pandeiro, tarol e caixa pequena, entre outros instrumentos de percussão. Os congadeiros fazem apresentações o ano todo, em cidades do interior do estado, e não faltam à Festa do Divino de São Luiz do Paraitinga e à Festa da Imaculada.



No bairro do Alto do Cristo
A congada traz alegria
É o que era lenda se torna visto

(Trecho de poema coletivo da turma 6, 6º ano, Escola Monte Belo)



Jongo

Nossa pesquisa começou num dicionário de música. E ali descobrimos que o jongo é uma dança de roda, que veio de Angola com os homens e mulheres escravizados, que vieram trabalhar nas fazendas da região. Seu acompanhamento é com percussão, feito por um tambor maior, chamado tambu ou caxambu, e outro menor, denominado candongueiro, além da cuica e de guaiás (chocalhos).

Já tivemos, ao longo do tempo, vários grupos de jongo na cidade. E em 2014 foi criado o grupo Jongo Crioulo, que reúne adultos e crianças, fazendo com que a tradição seja levada para as novas gerações.

Já contamos lá atrás sobre a palavra tombamento. Quando o assunto é patrimônio, a palavra "tombamento" tem outro sentido, muito positivo. Em 2005, o jongo foi tombado como patrimônio imaterial brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Como é bom viver em uma cidade com tantos patrimônios!



O jongo crioulo

Considerado o pai do samba,
Também está presente em Taubaté

Trazido pelos escravos
que trabalhavam nas fazendas de café

O jongo é considerado
um patrimônio cultural
Dançavam nas roças, matas,
nos terreiros e no cafezal

(Amanda Batista, 6º ano, Escola Monte Belo)





Edição: Otavio Nazareth

Projeto gráfico: Daniel Brito

Ilustração: Nara Isoda

Revisão: Carolina Falcão

Produção editorial: Renata Sizilio

Tratamento de imagens e produção gráfica: Daniela Yamauti

Impressão: TypeBrasil

Agradecimentos:

A Cíntia Pierotti, Jéssica Veiga e Sheila Andrade, do Programa de Ensino integral da SME, que souberam envolver com alegria todas as escolas do projeto; a Grezielem Ribeiro e Mauro Senatore, da Escola Juvenal; a Adriana Gisele Campos e Tatiane Moraes, da unidade integral Peej 3; a Daniela Oliveira e José Osmar Junior, da Escola Monte Belo; a Gustavo Perroni da Silva e Jamile de Sousa, da Escola Itaim; à Professora Doutora Edna Maria Querido de Oliveira Chamon, secretária de Educação até julho de 2018 e ao Professor Mestre Claudio Teixeira Brazão, secretário de Educação a partir de agosto de 2018; a Gisele Machado, coordenadora SEED - Ensino Fundamental; à cozinheira Silvia dos Santos, do PEEJ 3, que nos forneceu a receita da vaca atolada; à Casa do Figureiro e a Eduardo Leisan; ao Museu da Imigração Italiana; a Ricardo de Castro Alencar, representante da Famuta; a Geraldo de Paula Santana (Mestre Paizinho), do Moçambique, e Lícia Cristina dos Santos, do Jongô; a Renato Teixeira e Marina Appolonio Teixeira Jorge Carlomagno, pela amável entrevista; e à escritora Selma Maria, pela leitura atenta do texto final.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Vagner Rodolfo CRB-8/9410

S237a Santos, José
Taubaté: a cidade da gente / José Santos ;
ilustrado por Nara Isoda. - São Paulo : Olhares, 2016.
80 p. : il. ; 21,5cm x 25cm.

Inclui índice.
ISBN: 978-85-62114-82-3

1. Literatura infantil. 2. São Paulo.
3. Taubaté. I. Isoda, Nara. II. Título.

2016-241

CDD 028.5
CDU 82-93

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantil 82-93



Patrocínio



MINISTÉRIO DA
CULTURA

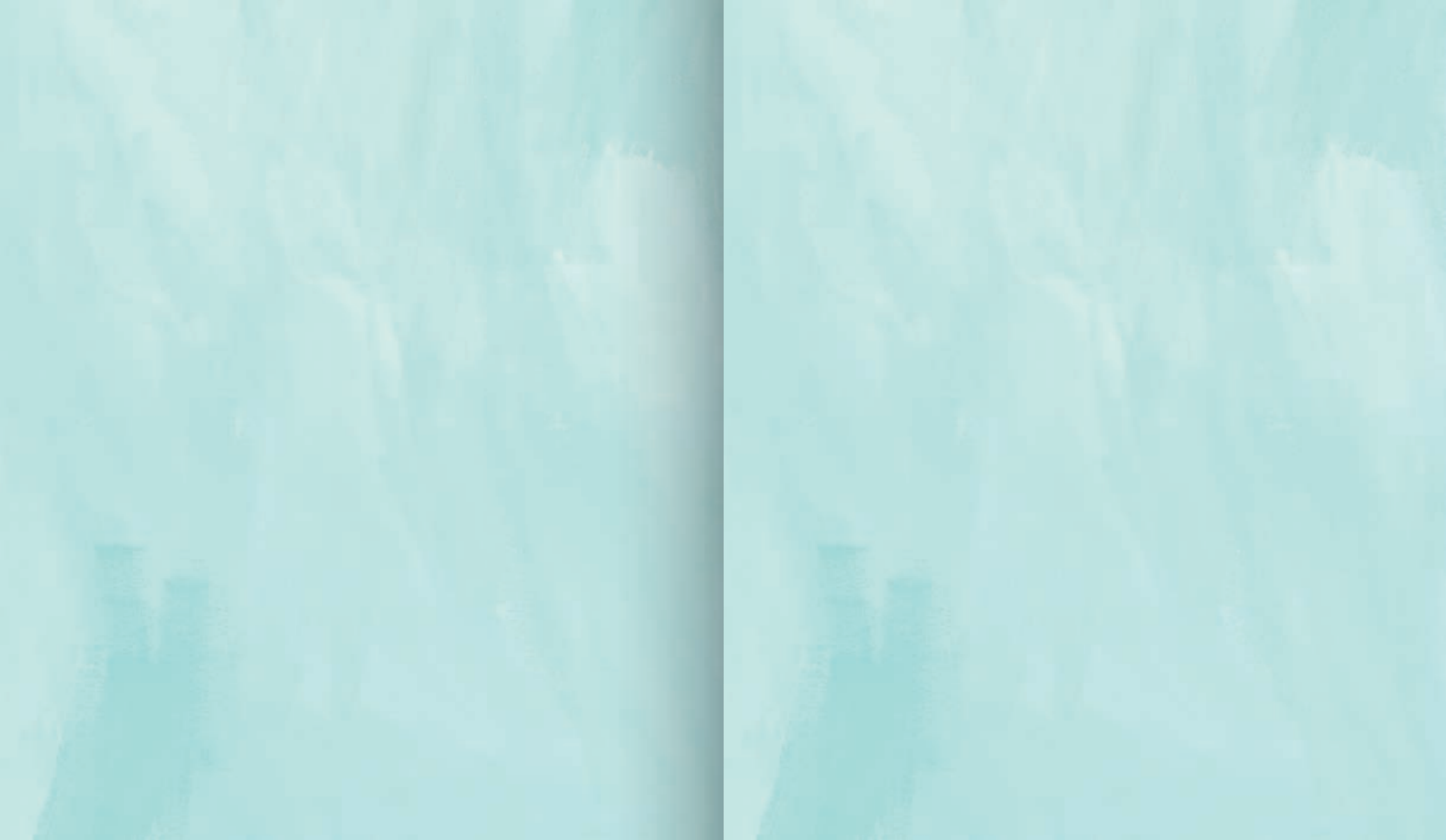
GOVERNO
FEDERAL

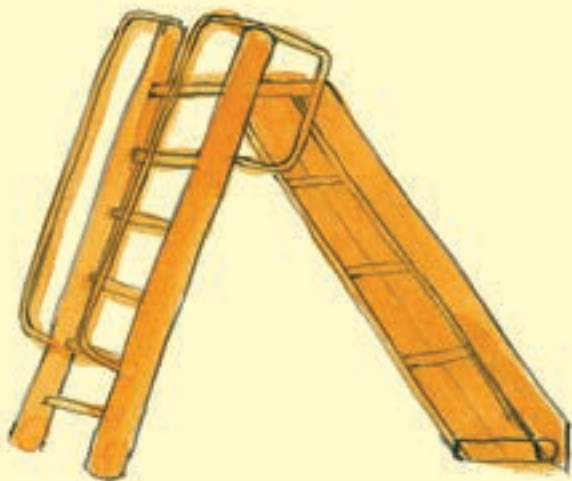
Produção executiva

doble.
cultura

OLHARES

© 2018 Editora Olhares e autores.
Este livro foi impresso pela gráfica TypeBrasil sobre
papel offset Fosco 150g em setembro de 2018.





Era uma vez Taubaté. Um dia a gente, que morava lá, percebeu que a história da cidade era a nossa própria história. As figureiras, Monteiro Lobato, o rio Paraíba e a presença italiana no Quiririm fazem parte dessa narrativa sobre os patrimônios locais, escrita com a ajuda dos alunos da rede pública de ensino da cidade.



Patrocínio



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO
FEDERAL

